

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

CIDADE INDUSTRIAL

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

III - Cidade Industrial

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## CIDADE INDUSTRIAL

### CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

*Gonzalo Andrés López*

pág. 29

Cidade Industrial

*Jorge Fernandes Alves*

### COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

*Andreia Silva*

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

*Celma Chaves, Rebeca Dias*

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

*Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra*

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

*Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano*

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

*Eduardo Fernandes*

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

*Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves*

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

*Eva Baptista*

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

*Gilmar Mascarenhas*

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

*J. A. Gonçalves Guimarães*

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

*José Mano Torres*

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

*José Pedro Maia Reis*

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

*Leticia Souto Pantoja*

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

*Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira*

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

*Manuel Ferreira Rodrigues*

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

*Maria da Luz Sampaio*

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

*Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco*

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

*Miguel Castro*

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

*Paula Amaro, Décio R. Martins*

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

*Santiago de Miguel Salanova*

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

*Sheila Palomares Alarcón*

# Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

**Paula R. Nogueira**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[ramosnogueira@uc.pt](mailto:ramosnogueira@uc.pt)

**Décio R. Martins**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[decio@uc.pt](mailto:decio@uc.pt)

**Carlos Fiolhais**

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

[tcarlos@teor.fis.uc.pt](mailto:tcarlos@teor.fis.uc.pt)

**Gilberto Santos**

Escola Superior de Design - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

[gsantos@ipca.pt](mailto:gsantos@ipca.pt)



## **Resumo**

Reconhecendo a Guimarães o perfil de *cidade industrial*, propõe-se uma reflexão sobre algumas razões podem justificar a existência de um museu industrial. Em 130 anos, foram lançadas ideias, projetos e tentativas de instalação, mas todas elas sem resultado prático.

Ultrapassada a crise da desindustrialização e apaziguada a vaga de excessos, quer pelo desprezo e vandalização de edifícios fabris, quer pela febre de patrimonialização que lhe sucedeu, lançamos para discussão as possibilidades de trabalho com vista à salvaguarda do espólio que ainda resiste.

Associa-se o gesto protetor de um museu, à necessidade imperativa de recuperar a memória industrial da cidade histórica, de resgatar do anonimato os seus protagonistas e de reconciliar Guimarães com essa parte do passado. As possibilidades de diálogo entre história, indústria, ciência, tecnologia, cultura e educação, compõem o eixo desta reflexão.





## Introdução

A ideia de criação de um museu da indústria em Guimarães surgiu após a realização da Exposição Industrial de 1884. Alguns objetos oferecidos à Sociedade Martins Sarmiento por industriais da época foram expostos, mas a tentativa de apresentar um projeto museológico capaz de testemunhar a importância histórica da indústria para a economia e identidade da cidade de Guimarães não se viabilizou.

Os museus contribuem para a preservação da memória perpetuando acontecimentos e experiências marcantes. Em primeiro lugar, redigindo a narrativa da cidade, das pessoas e dos objetos, e em segundo lugar, interrogando o contexto, desafiando e envolvendo a comunidade na construção dessa narrativa. Também o esquecimento, ou a *arte de esquecer*, contribui para a memória, pela sua desconstrução e apagamento. Lembrar ou esquecer é o ponto de partida nesta reflexão.

A riqueza histórica da indústria de Guimarães radica nos primórdios da industrialização, embora as raízes das quatro principais atividades económicas locais - curtumes, calçado, têxteis e cutelarias - remontem a épocas anteriores.

Reconhece-se a *Guimarães industrial* na paisagem, identifica-se a história das suas fábricas, mas este é um referencial inscrito sobre edifícios em ruínas e despojos. Perderam-se as máquinas a vapor, os teares de Manchester, os geradores hidroelétricos e as caldeiras, desconhecem-se os industriais pioneiros, os inventores, os mestres e os técnicos empreendedores, oblitera-se o já de si anónimo batalhão de operários e desconhece-se o acervo documental capaz de testemunhar a natureza *industrial* da *cidade histórica*.

A desindustrialização e o dismantelamento do setor têxtil em Guimarães nas décadas de 80 e 90 do século XX não foram acompanhados por um processo de musealização e patrimonialização, embora existissem projetos nesse sentido. Entende-se que a identificação, a recolha e o estudo dos acervos documentais e materiais das fábricas

contribuirá para a inscrição da *história industrial* na história da Cidade Património Cultural da Humanidade.

Nesta comunicação discute-se a importância de um museu da indústria em Guimarães, como instrumento reconstrutivo da memória histórica associada ao aparecimento das fábricas e como plataforma de diálogo crítico, participado e indispensável entre o passado, o presente e o futuro.

### **1. Os museus como gesto protetor da memória industrial**

A dinâmica de industrialização, ocorrida em finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX na região do Vale do Ave, envolveu a instalação massiva de fábricas e engenhos, sobretudo junto aos rios para aproveitamento da energia hidráulica, o que contribuiu para transformar a economia e reconfigurar o território, mesclando o mundo rural e o mundo industrial.

As novas formas de ocupação e vivência do território (Domingues, 2003), associadas a décadas de industrialização foram no sentido do aparecimento de mais fábricas e da consequente transfiguração da paisagem. A desindustrialização, que aconteceu nas décadas de 80 e 90 do século XX, revelou-se, também, pelo abandono dos edifícios e o consequente afastamento das pessoas.

A fase que se seguiu foi de excessos. Em primeiro lugar, com o abandono e destruição do património industrial - fábricas, engenhos, moinhos, oficinas, estações elevatórias de água, centrais eléctricas - (Domingues, 2003; Baptista e Providência, 2003; Nabais, 1993) e que ainda persiste, em segundo lugar, pela onda de “patrimonialite aguda” (Domingues, 2003:128) e de exageros inconsequentes de algumas intervenções que pouco acrescentaram à memória histórica industrial.

Sobretudo na região Norte, os museus surgiram como alternativa à desindustrialização (Matos, Ribeiro e Santos, 2002; Matos e Sampaio, 2014). A mudança de paradigma operou-se porque o desinteresse que levou ao aniquilamento de património técnico e industrial desencadeou, por oposição, movimentos favoráveis à sua proteção e musealização (Mendes, 2009).

A reconversão de edifícios industriais em incubadoras de empresas, equipamentos culturais e museus ainda permanece como uma solução nos espaços urbanos onde a industrialização mais se fez sentir<sup>1</sup>, considerando o ainda elevado número de edifícios abandonados ou em vias de desaparecer.

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos de reconversão de edifícios industriais em Guimarães: Fábrica Asa (espaço privado multifuncional de acolhimento de atividades lúdicas, culturais e empresariais), Fábrica de Plásticos Pátria (Casa da Memória de Guimarães) e Fábrica de Curtumes Âncora (Centro de Ciência Viva de Guimarães – Curtir Ciência).

Durante décadas os museus foram vistos como locais de preservação do património cultural e registo documental da memória colectiva, mas a partir da década de 60 do século XX a museologia deixou de se centrar nos objetos e coleções e passou a empenhar-se no sujeito que usufrui do museu (Mendes, 2009). É neste espírito que emerge a nova geração de museus que agregam, num só contexto, a história, a indústria, a ciência e a técnica, permitindo o estabelecimento de pontes entre a cultura, a educação científica e a patrimonialização. Estes modelos sucederam aos museus como templos, apostados em representar os deuses do progresso, a ciência, as máquinas e a indústria (Sastre-Juan, 2016), uma estratégia que, sem uma aproximação eficiente ao público, não estabelece qualquer sentido:

*“Numa sociedade em que a tecnologia tem cada vez mais importância e interfere constantemente com o nosso quotidiano, os museus técnicos e industriais são cada vez mais pensados em interligação com a educação e com a familiarização das populações com a ciência e a técnica. Nesta perspectiva os museus podem assumir um papel importante na formação dos vários níveis de ensino, ao mesmo tempo que são espaços de preservação e divulgação do património técnico e industrial.”*

In Matos e Sampaio, 2014: 96

As potencialidades do património industrial não se restringem ao *fazer história*, à preservação de edifícios, máquinas, equipamento e documentos. Inclui, também, a história das condições de trabalho, da ciência e da tecnologia de toda uma época. Do ponto de vista da história local, e considerando-se “incompleta, sem a presença do património industrial” (Mendes, 2009:171), é imprescindível à própria narrativa de cidade.

### **Memória industrial e obliteração: o operário desconhecido**

Numa cidade histórica como Guimarães, profundamente ligada ao mito fundador e às conquistas pelas armas, a ideia de *luta* está permanentemente presente no discurso identitário. Em certa medida, a industrialização veio reforçar essa raiz. Confronta-se o trabalho à luta diária, a fábrica à trincheira, o operário ao soldado, o suor ao sangue, o estratega ao engenheiro. E como sucede em todas as guerras, e com todos os guerreiros, é uma luta que vai deixando cicatrizes, nos homens e nas suas memórias. Ao longo dos anos, as dificuldades, a miséria, a exploração, reforçaram os testemunhos legados, como herança, de geração em geração. A prosperidade industrial e económica, que se pode entender como a *vitória*, resulta, assim, do esforço estóico de milhares de homens, mulheres e crianças,

cujas vidas se confundiram com a história das próprias fábricas onde trabalharam e onde se tornaram, simultaneamente, heróis e vítimas. Assim formaram, como os soldados, batalhões de operários desconhecidos. A alegoria do campo de batalha para explicar a vida industrial conjuga-se perfeitamente com o perfil laborioso de Guimarães.

O ciclo de falências que gerou a crise económica e social de finais do século XX, alimentou uma vaga de revolta que se refletiu no abandono e na vandalização de edifícios fabris inativos. Como resultado materializou-se na paisagem uma memória assente sobre despojos e que acompanhou a destruição e desaparecimento de máquinas, ferramentas e documentos, contribuindo para a desconstrução da identidade industrial, da cidade e das pessoas.

Sobre a recuperação do que é material nas memórias o geógrafo Álvaro Domingues aponta quatro estados na relação entre património industrial e requalificação urbana: memória (identidade e referência), amnésia (fase de indiferença e obliteração), trauma (consciência da perda que leva a considerar tudo como património) e delírio (decoração, representação e falseamento).<sup>2</sup> Se esta lógica se aplicasse à atualidade, estaríamos na fase do trauma, tomando consciência do quanto se perdeu.

A recuperação da memória histórica industrial teria, forçosamente, de considerar a componente material (os edifícios, as máquinas, os instrumentos e arquivos) e humana (testemunho e identidade), de modo a resgatar do anonimato os operários, os mestres, os inventores, os engenheiros e os industriais, e incorporar todos os elementos em contexto, ou seja, e seguindo a alegoria, integrando todos os combatentes no *seu campo de batalha*. Atacar a obliteração recuperando a memória industrial contribuiria para restabelecer a dignidade perdida e, acima de tudo, conceder aos protagonistas o direito de *lembrar*.

## 2. Museu da indústria em Guimarães

No rescaldo da Exposição Industrial concelhia de Guimarães (1884) surgiram as primeiras sugestões para a criação de um museu da indústria, mas o projeto só ganharia verdadeira natureza e força em 1900, por ocasião da homenagem que a Sociedade Martins Sarmento promoveu em honra do seu patrono, Francisco Martins Sarmento, falecido em 1899.

A preparação das *Festas Sarmentinas* ia no sentido de replicar, em Guimarães, aquilo que já tinha sido implementado em Lisboa e no Porto. Favoráveis ao desafio lançado pela direção da Sociedade Martins Sarmento, os 70 industriais presentes na reunião preparatória do

<sup>2</sup> DOMINGUES, Álvaro. (2003). Património industrial e requalificação urbana. In SAMPAIO, Maria da Luz (Ed.) - *Actas do colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de espaços industriais"*. 1ª Edição. Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, pp 121-130.

projeto, consideraram que a organização de um museu industrial, como ponto de partida para uma nova exposição industrial, consistia numa vantagem para Guimarães e para as suas atividades económicas.<sup>3</sup>

Nesta altura, as indústrias de Guimarães, particularmente as do setor têxtil, gozavam de boa reputação e notoriedade internacional, em grande medida conquistada pelas participações nas exposições mundiais e universais, onde recolheram prémios e distinções. (Figura 1.)

**Figura 1. Carimbo com selos alusivos a medalhas e diplomas conquistados em Exposições Mundiais (Fábrica do Castanheiro, século XIX)**



Fonte: Fundo Histórico da Fábrica do Castanheiro, AMAP. (Fotografia: Paula R. Nogueira)

O museu da indústria ensaiado com as *Sarmentinas* chegou a ter um diretor (J. Gualdino Pereira) e um regulamento, mas depois das celebrações de março e da exposição industrial realizada na mesma altura, o museu não resistiu ao esmorecimento.

*“A direcção reuniu hontem extraordinariamente approvando o regulamento do museu já apresentado na reunião de domingo que vae mandar imprimir para distribuir por todos os industriaes; e nomeou director do referido museu o snr. J. Gualdino Pereira, actual vice-secretario que tomou relativas ao mesmo assumpto.*

<sup>3</sup> “A reunião esteve muito concorrida de industriaes da cidade e de fora fallando largamente sobre as vantagens e até necessidade para a industria local, d’este importante emprehendimento de tão útil e patriótica instituição os snrs.dr.s Avelino da Silva, Avelino Germano, Pe Roriz, e os industriaes senhores Eduardo Almeida, Simão Costa e Teixeira d’Abreu, alem de outros cavalheiros.” (In O Comércio de Guimarães, XVI Ano, n.º 1450, de 9 de janeiro de 1900).

*O sr. Albano Pires de Sousa, proprietario da Typographia Silva Caldas, offereceu gratuitamente todo o trabalho d'impressão que seja preciso fazer para o alludido museu."*

*In O Comércio de Guimarães, XVI Ano, n.º1450,  
de 9 de janeiro de 1900*

O projeto foi retomado em 1987 e a criação do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave (MIT Ave) foi apresentado pela Universidade do Minho no âmbito do Programa de Arqueologia Industrial. Numa fase em que o movimento de musealização e patrimonialização industrial estava em expansão pela Europa e a primeira vaga da crise têxtil na região do Ave deixava um rasto de fábricas encerradas, aquela proposta contrariava a tendência de extinção das memórias industriais que estava em curso.

No projeto inicial previa-se uma unidade museológica de base agregando núcleos museológicos no triângulo têxtil definido entre os concelhos de Guimarães, Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão<sup>4</sup>, mas só neste último foram criadas as condições necessárias para instalar provisoriamente o museu.

O MIT Ave entrou em funcionamento em 1989 com um programa de trabalho que incluiu contactos, inventariação, recolha documental e patrimonial, pesquisa e investigação, apoio e interação pedagógica com alunos de diferentes graus de ensino, visitas, exposições, demonstrações e congressos. Também foi lançada uma revista científica *Arqueologia Industrial* e um boletim *Museu da Indústria Têxtil*, para complementar o trabalho de divulgação, a exposição permanente, um arquivo histórico empresarial e uma unidade destinada a exposições temporárias.<sup>5</sup>

O MIT Ave tem sofrido ciclos de indefinição e ainda está sediado em instalações provisórias, impossibilitando-se o desenvolvimento do projeto e a sua expansão mais consonante com a moderna museologia, mas não deixa de ser a única estrutura no Vale do Ave especificamente dedicada à salvaguarda, estudo e divulgação do património arqueológico industrial da região.

---

<sup>4</sup> Nestes municípios foi ponderada a criação de grupos de trabalho e, no caso de Guimarães houve instruções no sentido de se providenciar um espaço, com meios técnicos e de acomodação, para viabilizar a realização do inventário do património industrial local. As peças e documentos recolhidos teriam como destino o Núcleo Museológico de Guimarães do MIT Ave e todo o património recolhido ficaria à guarda da Câmara Municipal.

<sup>5</sup> Este espaço acolheu a exposição FIGG- Francisco Ignácio da Cunha Guimarães, preparada com recurso a acervo da Fábrica do Moinho do Buraco.

## O projeto de museu para a Fábrica do Moinho do Buraco

Com a crise têxtil no auge, a região vivia a inversão da sua própria história industrial. O impacto social gerado pela falência e encerramento de inúmeras fábricas do Vale do Ave constituía, naturalmente, a prioridade. Ainda assim, os investigadores do Programa de Arqueologia Industrial da Universidade do Minho lançaram-se ao terreno, com o objetivo de salvaguardar o património existente e que se encontrava sob ameaça. A Fábrica do Moinho do Buraco<sup>6</sup>, em Pevidém (Guimarães), foi um desses casos. O acompanhamento técnico tinha como objetivo “impedir que testemunhos significativos do passado industrial da região corram o risco de desaparecerem sem, pelo menos, ter sido feito o seu registo.”<sup>7</sup>

O processo de salvaguarda das instalações da Fábrica do Moinho do Buraco foi desencadeado pela Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património, que promoveu a constituição de uma comissão de trabalho reunindo, entre outras instituições e personalidades locais, a Câmara Municipal de Guimarães, que se disponibilizou para assumir encargos parciais com a aquisição das instalações da fábrica e apoiar a classificação do imóvel considerando o seu interesse municipal.

A musealização e a integração da Fábrica do Moinho do Buraco no projeto de instalação do Museu da Indústria de Guimarães (MIG) e da Escola de Design e Formação Profissional iniciou-se em 1991, sucedendo-se meses de trabalho complexo e contactos com credores da massa falida e Estado, procurando-se parceiros dispostos a apoiar o projeto e conceder uma solução à Fábrica:

*“( ... ) com a perspectiva de num futuro próximo se adquirirem as instalações daquela fábrica têxtil, o antigo projecto de criação de um Museu Industrial em Guimarães adquiriu novo fôlego, tendo ficado estabelecido que as instalações da Fábrica do Moinho do Buraco constituiriam no futuro um dos seus pólos dedicado à indústria têxtil e, simultaneamente, o Núcleo Museológico de Guimarães do MIT.”*

*In Boletim Informativo do Núcleo Museológico de Vila Nova Famalicão, n.º 3, julho de 1991*

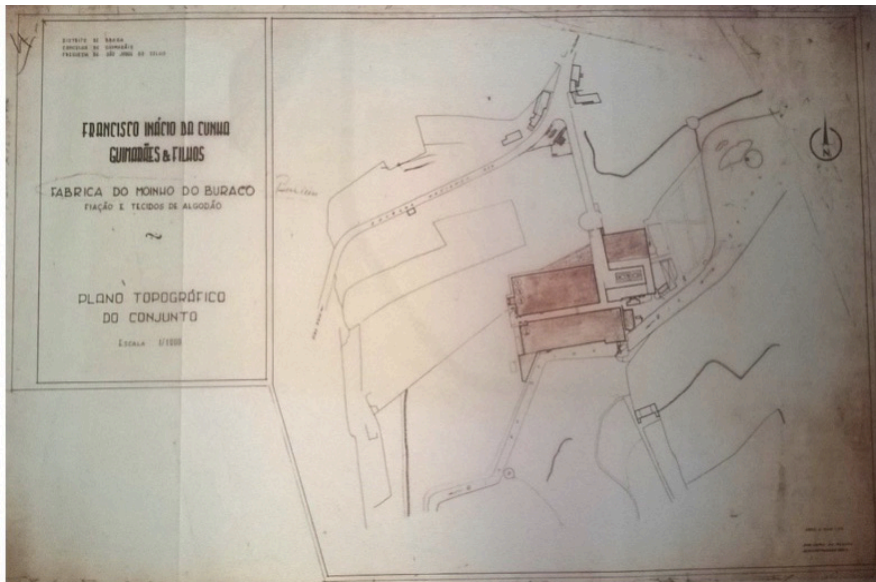
<sup>6</sup> Fundada em 1890, por João Inácio da Cunha Guimarães, a Fábrica do Moinho do Buraco é uma das fábricas históricas de Guimarães e constitui uma referência na industrialização do vale do Ave. As suas características arquitectónicas - destacando-se a configuração das naves, as oficinas, o açude no rio Selho para aproveitamento hidroelétrico, as duas centrais e a casa do proprietário, construída dentro da Fábrica - revertiam para um cenário absolutamente único, mas que, lamentavelmente, não se conseguiu salvar. A Fábrica funcionou durante um século e a sua história foi retratada numa exposição - FIGG Francisco Inácio da Cunha Guimarães - promovida pelo Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, em Vila Nova de Famalicão (patente ao público entre 8 de julho de 2017 e 01 de abril de 2018)

<sup>7</sup> In Museu da Indústria Têxtil, *Boletim Informativo do Núcleo Museológico de Vila Nova de Famalicão*, n.º 3, julho de 1991



Não só o edifício oferecia as condições ideais para instalar uma unidade de formação técnica e profissional, como ainda dispunha de máquinas e equipamentos com interesse patrimonial, alguns deles exemplares únicos em Portugal, assim como peças antigas cuja recuperação estaria assegurada por mecenas prevendo a sua exposição no museu.

**Figura 2. Plano topográfico da Fábrica do Moinho do Buraco, Fiação e Tecidos de Algodão**



Fonte: Arquivo Municipal, Divisão de Urbanismo e de Promoção do Desenvolvimento da Câmara Municipal de Guimarães

A comissão promotora do MIG realizou um inventário no qual constavam, entre outros, extintores (de fabrico inglês do pós-guerra), balanças de precisão, dobadeiras, prensas, contínuos, batedores, cardas, jardadeiras, máquinas de fazer cordão, bobinadeiras, torcímetros e duas turbinas, uma datada de 1912 e outra de 1928, ambas de origem alemã.

As instalações da Fábrica do Moinho do Buraco retratavam “com grande fidelidade histórica as condições concretas que rodearam o processo de industrialização nesta região”<sup>8</sup>, incluindo a casa do proprietário dentro do recinto fabril e, no exterior, outra importante característica da industrialização no Ave relacionada com o aproveitamento da energia hidráulica. A Fábrica dispunha de duas centrais hidroelétricas e ainda mantinha

<sup>8</sup> Idem.

as suas “reliquias arqueológicas” em funcionamento.<sup>9</sup>

Acionar máquinas, operar os instrumentos e fabricar tecidos com os teares mecânicos ainda existentes, eram algumas das ideias previstas no projeto do MIG, mas o processo falhou nas duas frentes, quer na aquisição do edifício, quer na sua classificação. A Fábrica acabou por ser vendida e transformada em parque industrial.

Ainda foi desencadeada a reabertura do processo, mas o anúncio de arquivamento do procedimento de classificação foi publicado em setembro de 2012 (ano em que Guimarães foi Capital Europeia da Cultura), fundamentado pela introdução de “profundas alterações e sucessivas adaptações a outras indústrias descaracterizando completamente o imóvel”, eliminando o seu valor patrimonial de âmbito nacional.<sup>10</sup>

Acrescente-se, como nota complementar, que em 1985 a Câmara Municipal de Guimarães passou a integrar, com representação maioritária, a régie cooperativa *A Oficina*, cujos estatutos, publicados em 1994, indicavam como objeto principal daquela entidade “a criação do Museu Industrial de Guimarães”.<sup>11</sup> Este propósito manteve-se inscrito nas revisões aos estatutos de 1999 e 2010, mas deixou de figurar na revisão estatutária de *A Oficina* em 2015.<sup>12</sup>

#### 4. Razões para a possível existência de um museu da indústria

O património industrial oferece manancial informativo *in situ* que contribui para uma compreensão transversal dos fenómenos de industrialização e musealização (Mendes, 2009), tornando o museu num excelente meio de educação científica e tecnológica, e de comunicação e divulgação da ciência e da tecnologia.

Esta capacidade é acentuada pela diversificação do papel do museu na sociedade extrapolando-o para algo profundamente transformador. A função pedagógica de um museu técnico [permite] “(...) obter a compreensão de fenómenos mais ou menos rebarbativos, mas que quando apresentados de forma didáctica, se tornam de fácil apreensão.” (Mendes, 2009:75). A observação de equipamentos em funcionamento,

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Anúncio n.º 13485/2012, Diário da República, 2.ª série, n.º 188, de 27-09-2012. A proposta de classificação foi apresentada em agosto de 1991 pela Câmara Municipal de Guimarães. O processo seguiu termos na Delegação Regional do Porto do IPPC-Instituto Português do Património Cultural e no IPPC (1991). Por despacho do presidente do IPPAR- Instituto Português do Património Arquitectónico, manteve-se a abertura do processo (1993) que se arrastou até 2010 (prorrogação autorizada). Com tanto tempo decorrido, o desfecho foi no sentido de uma proposta de arquivamento, dada a “descaracterização do corpo edificado da fábrica” (DCRC do Norte, 30.03.2011), confirmada por despacho do diretor do IGESPAR, I.P. (19.05.2011). O processo pode ser consultado em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72593/>.

<sup>11</sup> In Diário da República, III Série, N.º128 de 3-6-1994, p.9530-(20).

<sup>12</sup> Alteração do Artigo 3º, “Objeto”, An.1 - 20151104 - Publicado em <http://www.mj.gov.pt/publicacoes>.

por exemplo, representa, do ponto de vista da divulgação tecnológica, uma visão mais completa sobre os progressos inventivos e a sua utilidade prática.

Os museus também se tornaram instituições educativas por excelência (Bloom, 1992), os seus objetivos passaram a gerar informação (Gil, 1993), a sua natureza demonstrativa a contribuir para inscrever o ensino das ciências e da tecnologia no contexto histórico (Hackmann, 1992) assumindo, simultaneamente, uma posição estratégica na promoção da compreensão pública da ciência e da tecnologia (Briggs, 1992).

Será esta conjugação de factores suficiente para afirmar tão positivamente os museus de características técnicas e industriais? Nem sempre, como apontam os estudos de Matos e Sampaio: “(...) muitos museus têm permanecido reféns das suas máquinas reluzentes e de modos tradicionais de musealização dos espaços, sem capacidades para irem mais longe na intervenção crítica e educativa, assumindo-se como agentes de transformação social e política.” (2014:109).

O património industrial apresenta potencialidade para operar nos diferentes contextos da educação formal, não formal e informal (Mendes, 2009) e a experiência da visita, conciliando-se com as teorias de *hands-on*, *brains-on* e de *learning by doing*, poderá transformar o museu num território de aprendizagem baseado na experiência e na viagem até ao tempo que proporciona.

Atente-se no exemplo da cidade de Manchester, com a qual Guimarães estabeleceu relações comerciais de grande intensidade e longevidade nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Os pontos de encontro entre as duas cidades apresentam-se aqui como desafios para reflexão: os teares e máquinas que equiparam as fábricas têxteis de Guimarães entre 1884 e 1926, os diretores e engenheiros ingleses contratados por alguns industriais têxteis vimaranenses<sup>13</sup> e o primeiro investimento na eletrificação pública<sup>14</sup> da cidade têm a sua origem em Manchester.

Os processos de industrialização e desindustrialização, instalação de escolas técnicas e industriais, as lutas laborais, as situações de crise económica e social, embora distantes na escala estiveram próximas na semelhança das ocorrências. Em Manchester, onde pulsou o coração da Revolução Industrial, o movimento de patrimonialização e musealização do parque histórico industrial fortemente degradado ganhou dimensão a partir de 1984 e centrou-se no diálogo entre ciência, tecnologia e indústria.

<sup>13</sup> O cargo de engenheiro diretor da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1890) foi atribuído ao inglês James Lickfold, que acabou por se instalar, definitivamente, em Campelos (Guimarães) onde permaneceu com a família. O seu nome figura na toponímia local.

<sup>14</sup> A empresa concessionária da iluminação elétrica em Guimarães foi a companhia inglesa *The United Electric Light & Power Supply Company Limited*, que teve como seu diretor operacional o inglês Wright Taylor.

Com a instalação do Museu da Ciência e da Indústria, surgiu uma estratégia de inventariação, estudo e preservação do acervo documental, recuperação e musealização do espólio tecnológico, e desenvolvimento de um programa de reconstrução da identidade industrial da cidade, em associação estreita com a ciência, a tecnologia e a inovação aplicadas à indústria. Esta dinâmica teve na Universidade de Manchester, e em particular na sua unidade de investigação ligada à arqueologia e história industrial, um papel determinante, demonstrando o elevado potencial de diálogo entre passado, presente e futuro, possível de replicar e ajustar a outras realidades.

Guimarães, classificada como Património Cultural da Humanidade e em fase de expansão para uma zona coincidente com a instalação da proto indústria poderia reforçar a sua natureza patrimonial assumindo, efetivamente, a sua história industrial. A musealização permitiria capitalizar o turismo cultural, a história, a economia, a investigação e a educação, concedendo futuro ao passado através da valorização da história local. O papel estratégico e facilitador da Casa da Memória de Guimarães, num contexto de reconstrução das memórias da indústria e dos seus protagonistas, poderia ser decisivo na harmonização de afetos e vivências, por vezes traumáticos, nesses territórios da indústria. De igual modo, as atividades do Centro de Ciência Viva de Guimarães - Curtir Ciência, se articulados com aspetos da prática industrial, poderiam resultar em experiências bem sucedidas de educação científica, tal como sucede no modelo de Manchest.

Figura 3. Fábrica do Castanheiro, fachada principal e entrada (1885-2013)



Fotografia: Amadeu Mendes, Guimarães 2017.

Preservar o acervo documental, requalificar ambientes industriais da cidade, salvaguardar o espólio e envolver a comunidade nesta dinâmica de preservação, sobretudo daquilo que ainda existe, poderia constituir uma oportunidade única para redimensionar a riqueza patrimonial, reforçar a identidade de *cidade industrial* e combater a obliteração, devolvendo à história todos aqueles que para ela contribuíram ao longo dos séculos.

Enquadram-se neste potencial de musealização e de patrimonialização três fábricas históricas, todas fundadas em finais do século XIX e que se mecanizaram antes do ano 1900: a Fábrica do Castanheiro (1884), a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1893) e a Fábrica do Moinho do Buraco (1895). Estas fábricas representam a inovação tecnológica do século XIX e foram responsáveis pelo surto de mecanização e desenvolvimento que se operou no setor têxtil de Guimarães, afirmando-se como testemunho histórico de valor extraordinário que importava acarinhar.

## Conclusão

Salvar edifícios, máquinas, instrumentos e documentação de fábricas, num contexto de tensão social como aquele que se viveu nas últimas décadas do século XX, não se afigurou tarefa fácil. Para aqueles que acreditavam que a riqueza da história local ficaria irremediavelmente comprometida e incompleta sem a história industrial que lhe subjaz, implicou muita persistência.

A reflexão que aqui se propõe incide sobre as primeiras fábricas modernas e primeiras máquinas, como testemunhos da história da cidade e das suas indústrias.

Alguns edifícios ainda resistem, assim como muito espólio que se fragmenta por coleções particulares e abrigos temporários de cuidadores de memórias.

A firma de António da Costa Guimarães, Filho & C.<sup>a</sup> (Fábrica do Castanheiro) instalou os primeiros teares mecânicos em Guimarães. As máquinas chegaram de Inglaterra, em 1884, depois de ter sido confiada a Manoel Pereira Bastos, a missão de estudar e explorar em Manchester, as possibilidades de aquisição daquelas máquinas. A viagem está pormenorizadamente descrita na documentação que os herdeiros de António da Costa Guimarães entregaram ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta em 2016. O acervo documental da Fábrica do Castanheiro, contempla documentos datados de 1847 a 1991. A coleção deixou de ser da família, circunscrita ao interesse particular, passando a herança histórica de Guimarães e da sua comunidade. Tornou-se, portanto, do interesse coletivo que seja estudado e conhecido.

Poderá um museu da indústria, associado a um centro de divulgação científica e tecnológica, restaurar o passado e explicar, no presente, como se constroem os caminhos do futuro de uma cidade? Se mais atos de doação se seguirem e conjugarem com uma estratégia de reconstituição histórica e preservação do património industrial, certamente que sim.

## Bibliografia

BLOOM, Joel. (1992). Science and Technology museums face the future. In DURANT, John. *Museums and the public understanding of science*. London: Science Museum in Association with the Committee on the Public Understanding of Science, NMSI Trading Ltd.

BRIGGS, Peter. (1992). Building positive attitudes to science: new ideas from museums and other groups. In DURANT, John. *Museums and the public understanding of science*. London: Science Museum in Association with the Committee on the Public Understanding of Science, NMSI Trading Ltd. pp 70-74.

BAPTISTA, Lúcia e PROVIDÊNCIA, Paulo. (2003). Paisagem e memória: A Rota como estratégia de musealização. In SAMPAIO, Maria da Luz (Coord.). *Actas do colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de espaços industriais"*. 1ª Edição. Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, pp 55-78.

DOMINGUES, Álvaro. (2003). Património industrial e requalificação urbana. In SAMPAIO, Maria da Luz (Ed.). *Actas do colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de espaços industriais"*. 1ª Edição. Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, pp.121-130.

GIL, Fernando B. (1993). O objecto como gerador de informação. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (Ed.). *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

HACKMANN, Willem. (1992). Wonders in one closet shut: the educational potential of history of science museums. In DURANT, John. *Museums and the public understanding of science*. London: Science Museum in Association with the Committee on the Public Understanding of Science, NMSI Trading Ltd. pp 65-69.

MATOS, A. C. de; RIBEIRO, Isabel M.; SANTOS, M. L. (2003). Intervir no património industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas. In: SAMPAIO, Maria da Luz (Ed.) *Actas do colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de espaços industriais"*. 1ª Edição. Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. pp 21-32.

MATOS, Ana C. de; SAMPAIO, Maria da Luz. (2014). Património Industrial e Museologia em Portugal. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*. Brasília: Universidade de Brasília. Vol. 3, número 5, pp. 95-112.

MENDES, J. Amado. (2009). *Estudos do Património: Museus e Educação*. 1ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

NABAIS, António J. C.M. (1993). Património museológico. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (org.). *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

SASTRE-JUAN, Jaume. Pilgrimages to the museums of the new age: appropriating European industrial museums in New York City (1927–1937). *Science Museum Group Journal*. [Em linha]. Número 6 (2016), [Acedido em 20 de abril 2017]. Disponível na internet: <http://journal.sciencemuseum.ac.uk/browse/issue-06/pilgrimages-to-the-museums-of-the-new-age/>.

### **Arquivos**

Arquivos do Museu da Ciência e Indústria, Manchester

Arquivo Municipal de Alfredo Pimenta (AMAP), Guimarães

Fundo Histórico da Fábrica do Castanheiro

Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento

Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, Vila Nova de Famalicão